Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

América Latina nas narrativas de Eduardo Galeano: (re)visões de história, ficção e identidade

América Latina en las narrativas de Eduardo Galeano: (re)visiones de historia, ficción e identidad

Roberta Maria da Silva Muniz
Doutoranda em Teoria da Literatura
Programa de Pós-Graduação em Letras –UFPE/FACEPE
E-mail: roberttamunizz@gmail.com

Alfredo Adolfo Cordiviola (Orientador)
Doutor em Hispanic and Latin American Studies
Professor no Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPE
E-mail: Alfredo.cordiviola@gmail.com

Resumo

Desde o descobrimento, a América Latina atua como um lócus de relações disjuntivas entre realidade e ficção, individualidade e coletividade, passado e presente e, sobretudo, colonialidade e resistência. Portanto, o objetivo deste trabalho é realizar uma breve análise da conformação desse local enquanto construção histórica e estética nas narrativas de Eduardo Galeano e empreender uma (re)leitura das figurações da América nestas narrativas, articulando o que parece ser os três eixos basilares da produção deste escritor: história, ficção e identidade. Para tanto, as contribuições teóricas do âmbito dos Estudos Culturais e Pós-Coloniais servirão de suporte teórico.

Palavras-chave: América Latina; Eduardo Galeano; Narrativas.

Resumen

Desde el descubrimiento, América Latina actúa como locus de relaciones disyuntivas entre realidad y ficción, individualidad y colectividad, pasado y presente y, sobre todo, colonialidad y resistencia. Por tanto, el objetivo de este trabajo es realizar un breve análisis de la conformación de ese local en cuanto construcción histórica y estética en las narrativas de Eduardo Galeano y emprender una (re)lectura de las figuraciones de América en estas narrativas, articulando lo que parece ser los tres ejes fundamentales de la producción del escritor: historia, ficción e identidad. Para ello, las contribuciones teóricas del ámbito de los Estudios culturales y Postcoloniales servirán de aporte teórico.

Palabras clave: América Latina; Eduardo Galeano; Narrativas.

Introdução

"Se ponen en pie los pueblos, y se saludan. '¿Cómo somos?' se preguntan; y unos a otros se van diciendo cómo son" (GALEANO, 1984, p. 209). Com estas palavras tomadas de Martí que Eduardo Galeano reitera a problematização acerca das figurações da *Nuestra América* no cenário mundial. Hoje,

ISBN: 978-85-7205-159-0

decorridos mais de quinhentos, este assunto ainda suscita discussões. Um breve levantamento de dados aponta para uma enorme quantidade de relatos que tentam contribuir para a discussão em torno desta problemática. Nessas circunstâncias, a de retomada de textos coloniais se torna necessária uma vez que foi com a conquista da América que se "inicia e funda nossa identidade presente" (TODOROV 1999, p. 6).

Se, conforme assinala Burke (apud ASSMANN, 2011, p. 151), "a história é escrita pelos vencedores. Seria possível dizer, de igual modo: a história é esquecida pelos vencedores", é concebível pensar que a modernidade enquanto legado histórico propiciou a disseminação da imagem da América sob a perspectiva do colonizador europeu e civilizado. O que explicaria, por exemplo, a recorrência de termos como selvagem, primitivo e inferior nos relatos oficiais, conceitos empregados como método comparatista propiciando assim, a polarização das diferenças entre o Velho e o Novo mundo. Em *Histoire naturalle* de Buffon, por exemplo, América figura como entidade inferior e degenerada em decorrência do clima tropical. No Novo Mundo, segundo Buffon, não existia nenhum animal que se comparasse aos da Europa, e isto derivava "da qualidade da terra, das condições do céu, do grau de calor, de umidade, [...] da extensão das florestas e, sobretudo, do estado bruto no qual se encontra a natureza" (BUFFON apud GERBI, 1996, p. 22). Contudo, em *Recherches philosophiques sur les Americains*, o naturalista prussiano Cornelius De Pauw é ainda mais radical e ainda mais mordaz com a tese da degeneração do continente americano. Para ele, a tese da debilidade não concerne apenas à natureza, como sugere Buffon, ela se estende aos habitantes. Nesta obra, a inferioridade do Novo Mundo é asseverada por uma natureza "decaída e decadente", e o americano um "degenerado". Para De Pauw, o fato de ter nascido nestas condições conferia desvantagem em relação aos europeus porque os aborígenes do Novo Mundo tinham "menos sensibilidade, menos humanidade, menos gosto e menos instinto, menos coração e menos inteligência, numa palavra, menos tudo" (GERBI, 1996, p.58).

A problemática da representação da América no imaginário cultural foi ainda mais acentuada com as formulações de cientistas europeus que não compactuavam com a teoria da debilidade. Entre os apologistas, figuram o filósofo francês Michel de Montaigne que, quando discorreu acerca *Dos canibais* afirmou "A região em que esses povos habitam é de resto muito agradável. O clima é temperado a ponto de, segundo minhas testemunhas, raramente se encontrar um enfermo" (MONTAIGNE, 1991, p. 100). Outro renomado europeu que não ficou alheio às polêmicas que constituem a ideia de América foi Alexander von Humboldt, naturalista que realizou expedições científicas no continente entre 1799 e 1804. "como me sinto feliz nesta parte do mundo" relata Humboldt, "a cujo clima já me acostumei de tal forma

ISBN: 978-85-7205-159-0

que é como se eu jamais houvesse morado na Europa" (HUMBOLDT apud GERBI, 1996, p.631). Quanto aos aborígines, afirma que "compõem a maior e mais musculosa nação que jamais vi; já essa nação basta para refutar as fantasias de Raynal e Pauw acerca da fraqueza e degeneração da raça humana no mundo novo" (HUMBOLDT apud GERBI, 1996, p.631). Todas estas questões permeiam as reflexões acerca das figurações da América e do americano nas tramas da história.

O cerne do problema reside no fato de o discurso histórico ser um constructo elaborado por "um viés especificamente ocidental capaz de fundamentar retroativamente a presumida superioridade da moderna sociedade industrial" (WHITE, 2008, 18), e, enquanto tal, projeta-se como elaboração de uma sociedade capitalista que se estrutura como construção verbal "na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone de estruturas e processos passados no interesse de explicar o que eram, representando-os" (WHITE, 2008, 18). A partir desta conjuntura, América surge como entidade geo-histórica através das obras de europeus que, embora tivessem objetivos distintos, conforme observa Cordiviola, tiveram em comum a pretensão de delinear um panorama abrangente das realidades americanas, e fazia com que tais obras fossem esboçadas a partir da "topologia que seus autores ocupavam nas "tramas da colonialidade" (CORDIVIOLA, 2015, p. 31). Um exemplo disso, seria a constatação de Montaigne quando tece considerações acerca da poesia dos canibais e assevera que tem bastante convívio com a poesia para julgar que "este produto de sua imaginação nada tem de bárbaro, antes me parece de espírito anacreôntico. Aliás, a língua que falam não carece de doçura. Os sons são agradáveis e as desinências das palavras aproximam-se das gregas" (MONTAIGNE, 1991, p. 103), em que é flagrante a relação hierárquica estabelecida entre europeus e americanos.

Em *Nosotros y los otros,* Todorov analisa os *Ensaios* de Montaigne e afirma que, nesses textos, a palavra *bárbaro* foi empregada em dois sentidos "tan absolutos el uno como el otro, pero portadores de apreciaciones contrarias" (TODOROV, 1991, p. 62). De acordo com o crítico, o primeiro sentido estaria vinculado a uma acepção histórica e positiva. Nessa perspectiva, *bárbaro* designaria aquele que está próximo às origens. Assim, no texto do ensaísta francês, a palavra teria sido empregada num sentido nostálgico, pois, quando se refere à cultura dos canibais, o próprio Montaigne tenta demonstrar que as nações americanas estavam muito próximas da simplicidade primitiva, em um estágio em que as leis da natureza ainda não tinham sido "pervertidas pela imissão dos nossos" e, por isso, mantiveram-se "puras" (MONTAIGNE, 1991, p. 100). Contudo, um segundo sentido, igualmente válido, na concepção de Todorov, atribui ao termo usado por Montaigne uma conotação negativa e ética. Nesta segunda acepção, o que estaria em pauta seria a noção de "degradante", "cruel", o que levaria o ensaísta a afirmar o

ISBN: 978-85-7205-159-0

seguinte: "podemos considerá-los bárbaros em relação a nossas regras da razão, mas não em relação a nós que os sobrepassamos em toda espécie de barbárie" (MONTAIGNE, 1991, p. 101). Disso resulta o seguinte dilema: embora Montaigne quisesse demonstrar apreço pela cultura dos canibais, enquanto europeu, parece não superar o etnocentrismo de uma topologia eurocêntrica uma vez que suas considerações tendem a considerar a cultura ocidental como único paradigma válido. Quanto à atitude do filósofo, Todorov explicita que:

> Ante el Otro, Montaigne se ve movido, indiscutiblemente, por un impulso generoso: antes que despreciarlo, lo admira; y no se cansa de criticar a su propia sociedad. Pero, ¿acaso se hace justicia al otro mediante esta maniobra? Podemos dudar de ello. El juicio de valor positivo se fundamenta en el equívoco, en *la proyección sobre el otro de una imagen propia o, más exactamente, de un ideal del yo*, encarnado, para Montaigne, en la civilización clásica. […] *Para que el elogio valga algo, sería preciso que el ser a quien va dirigido, primero fuese reconocido en sí mismo*. (TODOROV, 1991, p. 63, grifo nosso).

A contestação de um modelo etnocêntrico e universal e a busca pelo reconhecimento de si tem corroborado a emergência de identidades obliteradas historicamente. Uma vez que o estilo historiográfico representa, conforme sugere White uma "combinação particular de modos de elaboração de enredo, argumentação e implicação ideológica" (WHITE, 2008, p. 43), e ciente de que a representação dos americanos foi conformada sob o prisma imperialista que "por lo general cierra los ojos a las maneras en que la periferia determina a la metrópole: empezando tal vez, con la obsesiva necesidad que tiene esta última de presentar y re-presentar continuamente sus periferias y sus otros ante sí misma" (PRATT, 1997, p. 25), a escrita de Galeano revela-se contestatária.

Explicitando com toda veemência os anseios de um sujeito marcado pelas dissidências dos projetos coloniais, Galeano esboça, através de um jogo de (des)apropriação, ensaios de uma consciência que servirá de subsídio para uma proposta alternativa aos relatos delineados desde uma topologia colonial. Tendo em vista o empenho do referido escritor em reconstruir a identidade latino-americana no imaginário global, procura-se empreender uma releitura das figurações da América em suas narrativas, sobretudo, na obra intitulada *El cazador de histórias*, articulando o que parece ser os três eixos basilares de sua produção: história, ficção e identidade. Por comportar a experiência vivida e as reminiscências de um passado que insiste em ser presente, estas narrativas reúnem tensões entre: fato e ficção; individualidade e coletividade; história e literatura num complexo em que, a experiência do escritor e o tom testemunhal atestam uma preocupação basilar: "contribuir al rescate de la memoria secuestrada de

ISBN: 978-85-7205-159-0

toda América, pero sobre todo, de América Latina [...] preguntarle de qué diversos barros fue nacida, de qué actos de amor y violaciones viene (GALEANO, 1982, p. 12).

Uma história alternativa

> *Ciegos*
> ¿Cómo nos veían Europa en el siglo dieciséis? Por los ojos de Theodor de Bry.
> Este artista de Lieja, que nunca estuvo en América, fue el primero que dibujó a los habitantes del Nuevo Mundo.
> Sus grabados eran la traducción gráfica de las crónicas de los conquistadores.
> Según mostraban esas imágenes, la carne de los conquistadores europeos, dorada a las brasas, era el plato preferido de los salvajes americanos.
> Ellos devoraban brazos, piernas, costillas y vientre y se chupaban los dedos, sentados en rueda, ante las parrillas ardientes.
> Pero, perdón por la molestia: ¿eran indios esos hambrientos de carne humana?
> En los grabados de De Bry, todos los indios eran calvos.
> En América, no había ningún indio calvo. (GALEANO, 2016, p. 26).

Com tom de sarcasmo, Galeano explicita a maneira deturpada com a qual a figura do americano foi delineada no imaginário global. Ao refutar a representação da América e do americano pelo prisma oficial, ele demonstra uma ideia de cultura como uma dimensão social e política e indaga as nuanças de utopia que conformam a imagem da América. Para tanto, o escritor recorre à produção de um artista cujo legado compõe o acervo historiográfico americano: Theodor de Bray. Ao explicitar a falácia contida nas obras de De Bray e, por extensão, nas obras dos cronistas europeus, o escritor sugere que elas foram engendradas a partir de uma perspectiva universal e hegemônica. Ciente de que "A história oficial, vitrine onde o sistema exibe seus velhos disfarces, mente pelo que diz e mente pelo que cala" (GALEANO, 1990, p. 30), o escritor transforma o verbo literário em mecanismo de combate. Nesse sentido, Palaversich assinala que "al concebir la historia principalmente como cuento se subraya también su carácter irreductiblemente narrativo al cual apunta Hayden White cuando habla del texto histórico como artefacto literario" (PALAVERSICH,1995, p. 156). Com isso, mais que uma atitude maniqueísta de ressentimento, Galeano reverbera, através de sua escrita, que a preocupação em afirmar uma identidade americana se configura mais que uma busca, um projeto. É o que está patente, por exemplo, no seguinte relato:

> *Héroes admirables, huéspedes indeseables*

ISBN: 978-85-7205-159-0

> A principio del siglo diecinueve, los jefes de la lucha por la independencia del Chile no ocultaban su admiración por la resistencia indígena, que era el hueso más duro de roer para los conquistadores españoles.
>
> Los primeros núcleos anticoloniales se identificaban con los guerreros mapuches Caupolicán o Lautaro.
>
> Pero, algunos años después, ya los principales periódicos aplaudían la guerra contra los indios, a quienes llamaban *huéspedes indeseables de la patria chilena*.
>
> Ahora llaman terroristas, porque cometen el crimen de defender las tierras que roban. (GALEANO, 2016, p. 92).

Além de expor as contradições de uma realidade (pós/neo/anti)colonial, o escritor, em tom de denúncia, procura mostrar que, se no período da conquista as terras americanas figuraram como símbolo de disputa e desejo, na atualidade isso ainda permanece como num círculo vicioso e engendrou uma cadeia de relações assimétricas em escala global. À luz dos estudos Pós e des-coloniais, percebe-se que o relato em tela revela a atuação de um mecanismo de controle e domínio social pautado nas ideias de raça e trabalho que teve início na América, no período colonial, mas não ficou restrito a esse período, pois perdura até os dias atuais. A esse mecanismo, Anibal Quijano, conceitua como "colonialidade do poder" (QUIJANO, 2007, p.121). Apesar de *Héroes admirables, huéspedes indeseables,* ser o reflexo de que a colonialidade do poder persiste, *mutatis mutandis*, no cenário atual, este microrrelato expressa também a resistência e o antagonismo protagônico do sujeito subaltern(izad)o. Nele se acentua a natureza ambígua e contestatária da produção de Galeano "¿Era periodismo? ¿Era literatura?", indaga Ruffinelli em *Eduardo Galeano: el hombre que rechazava las certezas y las definiciones*, para na sequência afirmar que a escritura de Galeano oscila entre fato e ficção e assim establece "una negociación constante entre la percepción de sí mismo que tiene todo escritor sobre lo que hace, y la de los lectores a partir de su experiencia receptiva" (RUFFINELLI, 2015, p. 134).

Explorando a dimensão política e poética da escritura, Galeano exibe, de maneira sintética, quinhentos anos de exploração e resistência. Seus relatos são indícios de que "com o início do colonialismo na América inicia-se não apenas a organização colonial do mundo, mas simultaneamente a constituição colonial dos saberes, das linguagens, da memória (Mignolo, 1995) e do imaginário (Quijano, 1992)" (LANDER, 2005, p. 10). Entretanto, as narrativas do uruguaio apontam que a colonialidade não se limita ao âmbito do ser, ela se estende ao âmbito do saber e pode ser exemplificada através do microrrelato *Mudos:* "Las divindades indígenas fueron las primeras víctimas de la conquista de América. Los vencedores llamaron *extirpación de la idolatria* a la guerra contra los dioses condenados a callar" (GALEANO, 2016, p. 25). Esta forma de colonialidade engendra um tipo de violência que Spivak (2012),

ISBN: 978-85-7205-159-0

em *Pode o subalterno falar?*, conceitua como "violência epistêmica" e é ainda mais problematizada por Galeano no seguinte relato:

> *El tambor*:
> Desde las costas de África viajó, hacia las manos y la memoria de los esclavos de las plantaciones de América.
> Allí fue prohibido. El repique del tambor desataba a los atados y daba voz a los condenados al silencio; y los amos de los hombres y la tierra bien sabían que esa peligrosa música, que llamaba a los dioses, anunciaban la rebelión.
> Por eso el sagrado tambor dormía escondido. (GALEANO, 2016, p. 46)
>
> .

Através destes relatos, Galeano insinua que o silenciamento foi utilizado pelo colonizador como estratégia de repressão. Com isso, ele sinaliza que a violência do sistema colonial não se restringia ao ser, era também uma violência contra o poder ser, no caso, de poder ser livre. Mas, se por um lado *El tambor* simboliza o sistema de domínio e repressão, por outro, ele atua como instrumento de resistência. O fato de estar recalcado ou "escondido" significa que pode, a qualquer momento, vir à tona, ratificando assim, a capacidade de resiliência dos sujeitos subalternizados nesse processo. Esta questão é ainda mais dramatizada em *Tierra indignada*:

> En mayo del año 2013, por primera vez de la historia de Guatemala, un exterminador de indios fue sentenciado por genocidio racista. Un tribunal del fuero común lo condenó a ochenta años de cárcel.
>
> El general Ríos Montt había sido el penúltimo de una serie de dictadores militares especializados en la matanza indígena mayas.
>
> Poco después de la sentencia, estalló un terremoto: la tierra, la madre de todos los asesinos, tembló y siguió temblando sin parar.
>
> Temblada de ira. Ella sabía que iba ocurrir lo que ocurrió: la condenación del verdugo fue postergada por las más altas autoridades judiciales del país. La tierra se alzó, furiosa, contra la impunidad de siempre. (GALEANO, 2016, 52).

A terra, que na cosmovisão indígena é a mãe de todos, representa a América e enquanto tal, figura com espaço mnemônico de resistência nos três níveis que, segundo Ángel Rama, compõem as narrativas engendradas através de uma dinâmica transcultural: o linguístico, o da estruturação e o da cosmovisão. Segundo Rama, no nível da língua ocorre o resgate dos modos de expressão regional propiciando uma interação entre a tradição popular e a erudita. No segundo nível, o da estruturação, ocorre uma tensão referente ao uso de recursos convencionais e os inovadores na composição. Já no terceiro nível, o da cosmovisão, o que oferece uma maior resistência, é onde são engendrados os significados (RAMA, 2001, p. 11-12).

ISBN: 978-85-7205-159-0

Se, na obra de juventude, *Las venas abiertas de América Latina*, Galeano delineia a natureza como a causa da exploração como indica, por exemplo, o tema da primeira parte: *La pobreza del hombre como resultado de la riqueza de la tierra*, na obra póstuma intitulada *El cazador de historias*, ela se revela como entidade contestatária. Nesse sentido, a terra figura muito mais do que apenas uma base de suprimentos materiais, pois "ela mesma é a memória cultural" (ASSMANN, 2011, p. 311. Sendo assim, podemos concluir que Galeano com sua agudeza estética reverbera o que Walter (2015), em uma perspectiva ecocrítica, considera como um "inconsciente ecológico", pois o etos e a cosmovisão do escritor põem em clarividência que o ser e a terra "são inseparáveis do ser e da história das pessoas e vice-versa. De onde vem a palavra 'humano'? Da palavra-raiz '*húmus*'. Isto significa que a palavra 'humano' carrega literalmente dentro de si o húmus de onde surgimos e voltamos (WALTER, 2015, 628).

Além disso, no âmbito da linguagem, a metaforização da terra implica o uso consciente do código do colonizador, a escrita, para preservar um traço ancestral da cultura pré-hispânica. Assim, nas narrativas de Galeano seria patente uma escritura da resistência. Quanto a atitude subversiva a partir da (des)apropriação do código do colonizador, Iturri, em *El retorno de los bárbaros*, explicita que com esse recurso: "podemos, entonces, exorcizar la huella colonial, representarnos nuestra memoria, imaginar nuestros deseos, es decir, reconstruir nuestra dignidade oral destrozada por el alfabeto" (ITURRI, 2011, p. 98). Desse modo, natureza e cultura, termos geralmente tomados como antagônicos na cultura ocidental, além de atuarem como recursos complementares nas histórias locais das sociedades subalternizadas, funcionam como fundamentos de uma epistemologia alternativa. Nessa perspectiva, Mignolo (2003, p. 259), assinala que os estudos subalternos introduziram questões afetivas como uma maneira diferente da racionalidade postulada pelos princípios eurocêntricos que, diferentemente dos latino-americanos, foram pautados no uso das ações racionais. Essa questão é basilar na contemporaneidade porque corrobora a revisão das identidades obliteradas pelo sistema imperialista. De acordo com Richard, no contexto latino-americano

> Essa revisão da modernidade nos permite, mais uma vez, colocar a questão de nossa própria identidade, a de indivíduos nascidos de e numa mistura dialética das diferentes línguas em redor de nós, que praticamente se fundiram, produzindo uma identidade cultural vivenciada como uma série de colisões. Essa identidade pode ser entendida como um produto instável dos tropos da modernidade que envolvem um contínuo reagrupamento, distorção e transformação de modelos importados, de acordo com as pressões específicas pertencentes à esses modelos nas redes locais. (RICHARD apud MIGNOLO, 2003, p. 270).

ISBN: 978-85-7205-159-0

A revisão da modernidade aludida por Richard, também se configura tanto em *El cazador de historias*, como também na trilogia *Memória del fuego*, no nível da estrutura, através do abandono do princípio organizacional de subdivisão em capítulos. Essa técnica de narrar os acontecimentos é recorrente nas obras de Galeano e pode ser concebida como indícios de tentativa de subversão da concepção convencional pautada no princípio aristotélico de começo, meio e fim. Através da quebra da linearidade temporal que se reflete na construção de uma sequência cronológica fragmentada. No âmbito da estrutura narrativa, a técnica de colagem, segundo Assmann, se concretiza como a reverberação da memória do trauma uma vez que "a colagem como método não tem apenas algo de acidental, mas também algo de violento, ou de um impacto de violência" (ASSMANN, 2011, p. 306). Por isso, além de instaurar a perda da ordenação e a instabilidade do tempo, essa técnica se configura também como uma forma de abalo da ordem. Como Galeano é sujeito depositário de uma memória cultural, isso seria a reverberação de uma memória coletiva.

No âmbito da cosmovisão, a técnica da colagem poderia simbolizar a concepção cíclica do tempo presente nas culturas pré-hispânicas. Por este prisma, a inscrição deste traço ancestral na narrativa atuaria como uma estratégia anticolonial de representação e ressignificação nas tramas da história. Em consonância com esse pensamento Palaversich afirma que no "mundo postcolonial los textos literários, políticos y históricos coexisten en una relación simbiótica" (PALAVERSICH,1995,132). Com isso, Galeano não apenas questiona os relatos construídos sob o prisma imperial, mas e, sobretudo, reclama a emergência de um sentimento de "americanidade" (BERND, 2010). Na concepção de Bernd, este sentimento emerge como a preocupação com as urgências de uma América que ainda precisa concluir seus processos de independência nos âmbitos social, político e econômico e assim redescobrir "novas formas de habitar as Américas e de definir nossa pertença a elas, pode ser a via de acesso à americanidade como lugar de resistência e recuperação da diferença colonial" (BERND, 2010, p. 28).

Considerações finais

As complexidades que conformam uma ideia de América nas narrativas de Galeano, não se tratam de um eurocentrismo às avessas, uma vez que elas propõem repensar a América a partir de uma dinâmica transcultural imbricada no interstício dos projetos globais e das histórias locais indicando que, se por um lado a conquista nos legou a colonialidade, por outro, ela dinamizou, dolorosamente, o nosso processo de identidade. Talvez este seja o sentido que Galeano, enquanto *cazador de historias* tenta esboçar na tentativa de forjar um olhar para as histórias obliteradas pelo legado colonial na América Latina.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Referências

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BERND, Zilá. Americanidade e americanização. In: FIGUEIREDO, Euridice (Org). Conceitos de literatura e cultura. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010, p.15-33.

CORDIVIOLA, Alfredo**.** Relatos de um continente desaparecido. In: PERREIRA, Diana Araújo; RODRIGUES, Juan Pablo Martín (Org.). Imaginários coloniais: continuidades e rupturas na América Latina contemporânea. São Paulo: Portal editora, 2015, p.19-36.

GALEANO, Eduardo. Memoria del fuego I. Los nacimientos. Madrid: Siglo veintiuno de España, 1982.

_____. Memoria del fuego II. Las caras y las máscaras. Madrid: Siglo veintiuno de España, 1984.

_____. Las venas abiertas de América Latina. La Habana: Siglo XXI, 1991.

_____. El cazador de historias. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

GERBI. Antonello. O novo mundo: histórias de uma polêmica (1750- 1900). São Paulo: Compahia das letras, 1996.

ITURRI, Guillermo Mariaca. El retorno de los bárbaros. In: REIS, Livia; FIGUEIREDO, Eurídice (Orgs.). América Latina: Integração e Interlocução. Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Ed., 2011. 89-109.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Edgardo Lander (org). Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO (Colección Sur Sur). 2005. p. 8-23. Disponível em: < http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>. Acesso em 20 jul. 2016.

MIGNOLO, Walter. Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MONTAIGNE, Michel. Dos canibais. In: Ensaios. Tradução de Ségio Millet. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p. 98-106.

PALAVERSICH, Diana. Silencio voz y escritura en Eduardo Galeano. Madrid: Iberoamericana, 1995.

PRATT, Mary Louise. Ojos Imperiales. Literatura de viajes y transculturación. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalimo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad javeriana Instituto pensar, 2007. p. 93- 126.

ISBN: 978-85-7205-159-0

RAMA, Ángel. AGUIAR, Flavio; GUARDINI, Sandra (orgs). Literatura e cultura na América Latina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RUFFINELLI, Jorge. Eduardo Galeano: el hombre que rechazaba las certezas y las definiciones. Revista Casa de las Américas No. 281 octubre-diciembre/2015 pp. 128-137. Disponível em: http://www.casadelasamericas.org/publicaciones/revistacasa/281/notas.pdf. Acesso em: 01 jun. 2016.

SPIVAK, Gayatri. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: EDUFMG, 2012.

TODOROV, Tzvetan. Nosotros y los otros: reflexión sobre la diversidad humana. Mexico: XXI Siglo veintiuno editores. 1991.

WALTER, Roland. Multi-Trans-Intercultura: Literatura, Teoria Pós-Colonial e Ecocrítica. In: SEDYCIAS, João (org.). Repensando a Teoria Literária. Recife: EdUFPE, 2015.